

**Os pioneiros do artigo de opinião em Portugal.
As colunas jornalísticas de Ernesto da Silva (1892-1903)**

**The opinion article pioneers in Portugal.
The journalistic columns of Ernesto da Silva (1892-1903)**

BEATRIZ PERALTA GARCÍA
Universidad de Oviedo (Espanha)
bperalta@uniovi.es
<https://orcid.org/0000-0001-8232-7493>

Texto recebido em / Text submitted on: 27/09/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 26/06/2020

Abstract

Since the organizational beginnings of the workers' movement, the socialists have endeavored to maintain an active newspaper through which to convey their labor demands, denounce their living conditions, and spread their ideology. In these workers' newspapers - and not only - we reveal the presence of the most significant figures of this political group through an element that has been little studied, the opinion article, which in some cases represents a journalistic work of a certain solidity. These intellectuals are also pioneers of this type of opinion from the perspective of the history of journalism in Portugal, and in 19th century worker journalism. In this article we analyze Ernesto da Silva's (1868-1903) journalistic journey, as a columnist, writer or director, as well as the work he produces. The study of these sources will allow to advance in the study of the history of the press in Portugal.

Keywords: Ernesto da Silva; Portuguese Socialist Party; socialism; opinion piece; socialist press.

Resumo

Desde os primórdios organizativos do movimento operário que os socialistas se esforçaram por manter sempre um jornal ativo através do qual pudessem veicular as suas reivindicações laborais, denunciar as suas condições de vida e difundir a sua ideologia. Nestes jornais operários – e não só – descortinamos a presença dos vultos mais significativos desta agremiação política através de um objeto pouco estudado, o artigo de opinião, que nalguns casos representa uma obra jornalística com certa solidez. Estes intelectuais são também pioneiros deste género de opinião na perspetiva da história do jornalismo em Portugal e no jornalismo operário oitocentista. Neste artigo analisamos o percurso jornalístico de Ernesto da Silva (1868-1903), como colunista, redator ou diretor, bem como a obra que produz. O estudo destas fontes permitirá avançar no estudo da história da imprensa em Portugal.

Palavras-chave: Ernesto da Silva; Partido Socialista Português; socialismo; artigo de opinião; imprensa socialista.

“O socialismo não é uma *vingança* nascendo *em baixo*, em fremitos de revolta, é uma necessidade social, é o progresso nacional a manifestar-se”.

Ernesto da Silva, *A Vanguarda*, Lisboa, nº 1754, 4 de maio de 1896, p. 1.

Introdução

Desde as duas últimas décadas do século XIX o jornalismo vinculado às associações de classe e ao movimento operário que, na altura, começava a organizar-se em agremiações partidárias, como o Partido Socialista Português (1875), buscando individualizar-se face ao movimento republicano, viveu um período de florescimento e expansão com o aparecimento de novos cabeçalhos. Antes do nascimento do PSP surgira o semanário *O Pensamento Social* (1872-1873) como órgão de expressão da célebre Fraternidade Operária – segundo o compositor tipógrafo e militante socialista Ernesto da Silva (1868-1903) a “primeira agremiação constituída pelo proletariado nacional”¹ –, e pouco tempo depois faziam-no *O Protesto* (Lisboa, 1875), já como órgão do recém-nascido PSP, corporação destinada à luta política, e *O Operário* (Porto, 1879), vinculado à Associação dos Trabalhadores na Região Portuguesa (1873)². Entre 1882 e 1894 ambas as publicações fundiram-se em *O Protesto Operário*, acompanhando o movimento integracionista que levará à dissolução das anteriores agremiações e à criação do Partido dos Operários Socialistas de Portugal (1878), funcionando o jornal como órgão do novo partido unificado³. Mas será a nova divisão do socialismo português em duas fações após o Congresso Nacional das Associações de Classe (Porto, 24 de março de 1892) – o chamado “congresso possibilista”⁴ – o acontecimento que provocará o aparecimento de novas publicações vinculadas ao POSP, dirigido por Manuel Luiz de Figueiredo, bem como ao PSP, chefiado por Azedo Gneco. A publicação dos jornais inseria-se numa estratégia de luta política que fazia da imprensa

¹ Ernesto da Silva, “O movimento operário I”, *A Obra*, Lisboa, nº 203, 11 de dezembro de 1898, p. 2.

² Em carta a Engels, datada a 10 de abril de 1876, Azedo Gneco relatara o processo de constituição de ambas as corporações, das quais se declarava organizador. *13 cartas de Portugal para Engels e Marx*, recolha, prefácio e notas de César de Oliveira, Lisboa, Iniciativas Editoriais, s.d., p. 59-66.

³ César Nogueira, *Notas para a história do socialismo em Portugal (1871-1910)*, Lisboa, Portugália Editora, 1964, p. 76 e ss.; Maria Filomena Mónica, *O movimento socialista em Portugal (1875-1934)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1985, p. 59 e ss.

⁴ Carlos da Fonseca, *História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal. II. Os primeiros congressos operários (1865-1894)*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d., p. 143-144.

um dos instrumentos de propaganda ao serviço do movimento operário com o objetivo de difundir este ideal e denunciar as condições laborais e de vida dos trabalhadores. Os membros do POSP editaram *O Protesto Operário* em Lisboa, e *O Trabalhador* (1889-1890) no Porto, enquanto que os do PSP, muito mais dinâmicos, deram à luz *Eco Socialista* (Porto, 1892), *Revolucionário. Folha Socialista* (Lisboa, 1893), o apenas projetado *A Plebe* (Lisboa, 1893), *A Federação* (Lisboa, 1893-1900), *A Lucta. Diário Socialista* (Lisboa, 1900), e *O Primeiro de Maio* (Lisboa, 1903-1907)⁵.

É neste contexto de evolução organizativa partidária do socialismo português oitocentista que se desenvolve o percurso jornalístico de Ernesto da Silva, atividade à qual se dedicará durante toda a sua vida. Começou militando no POSP em 1892, mas nos finais desse ano ou nos inícios de 1893 entrou em contato com o Centro Operário Socialista, sediado no Pátio do Salema, onde pontificava a dissidência marxista de Azedo Gneco. Junto a ele e mais o amigo da infância Teodoro Ribeiro virá a conformar a “triada salemista”, como lhe chamou José Martins Santareno⁶, que irá nascer oficialmente o PSP na IIª Conferência Nacional Socialista (Tomar, 14 a 16 de outubro de 1895)⁷. Porém, as diferenças com Gneco irão aos poucos agravando as relações entre eles, ao ponto de Ernesto da Silva abandonar paulatinamente a organização, primeiro o jornal, *A Federação*, em 1896, e um ano mais tarde o PSP. A partir dessa altura dedicou os seus esforços a atender os requerimentos das associações de classe, onde era frequentemente convidado a participar como orador nas festas e atos aí organizados; à literatura, domínio em que começava a ser reconhecido, especialmente na dramaturgia – para além de *O capital* (1895), seu maior sucesso de sempre, estreou *Nova Aurora* (1900), *Vencidos* (1902) e *Em ruínas* (1903), esta última peça já falecido o autor –, e ao jornalismo⁸. O abandono do PSP coincide no tempo com o estreitamento das ligações de amizade com os republicanos, o jornalista França Borges (1871-1915), o escritor Mayer Garção (1872-1930) e o ensaísta Teixeira Bastos (1857-1901), seus amigos pessoais,

⁵ Beatriz Peralta García, “A imprensa lisboeta do Partido Socialista Português (1893-1907)”, estudo ainda inédito.

⁶ “Comissão Socialista de Arroios”, *O Protesto*, Lisboa, nº 41, 1 de maio de 1923, p. 2.

⁷ César Nogueira, *Resumo histórico dos congressos e conferências do Partido Socialista Português (1871-1926)*, Porto, ed. da Revista Pensamento, s.d., p. 36-43.

⁸ Beatriz Peralta García, “Aproximación a la vida y a la obra de Ernesto da Silva”, *Historia Social*, 89 (2017, III), p. 53-71; idem, “El Partido Socialista Português y la literatura de combate. La obra literaria de Ernesto da Silva”, *Revista Historia Autónoma*, 11 (septiembre de 2017), p. 89-107; idem, “Los orígenes del teatro socialista en Portugal: O Capital (1895), de Ernesto da Silva”, *Revista da Faculdade de Letras. História*, IV série, vol. 7, 2 (2017), p. 216-236.

colaborando de forma habitual na sua imprensa. As relações entre o movimento republicano e os socialistas conservavam-se não sem tensões, como adiante se verá, mas Ernesto da Silva, que quando novo se aproximara deles – “No tempo da escola era republicano e bohemio (...)”, recordaria anos depois do seu falecimento Martins Santareno⁹ –, julgava-os melhor preparados para a revolução social: “Na impossibilidade de effectuar a sua revolução, o povo deve preparar-se para a transformação que se prepara elevando a burguezia ao mando supremo”, escreveu num opúsculo publicado em 1893¹⁰. Porém, nunca deixou de se identificar como socialista em momentos diversos da sua vida de escritor público e disso deixou testemunho, por exemplo, em 1897, quando as acusações de simpatias filo-anarquistas se exacerbaram, ou em 1900, ao integrar o plantel dos colaboradores do jornal *O Mundo*.

A obra jornalística de Ernesto da Silva, apesar de ser composta por mais de cento e sessenta e um artigos, é desconhecida, ainda inédita, dispersa pelas páginas dos jornais socialistas, mas também dos republicanos, destacando-se pelo volume e variedade dos temas abordados e convertendo o autor num dos pioneiros do jornalismo de opinião em Portugal. Os estudos sobre a imprensa operária apenas têm evoluído desde os primeiros trabalhos de César Oliveira, Maria Filomena Mónica e Luís Salgado de Matos, e Vítor de Sá nas décadas de 70 e 90 do século xx, consagrados à identificação dos jornais para a elaboração dos catálogos¹¹, e os dedicados ao campo laboral das tipografias, da autoria de José Barreto¹². A proposta de focar atenção no autor como jornalista permite avaliar a evolução da figura do diretor-proprietário, que nos fins do Oitocentos apresenta já a separação de ambas as funções, bem como as desenvolvidas pelos colaboradores, que antecipam o futuro jornalista profissional, enquanto que fazê-lo na sua obra significa trazer para o estudo do movimento operário um modelo consolidado entre os intelectuais dos séculos xix e xx. Este é baseado

⁹ Martins Santareno, “Teatro Social. O Capital, de Ernesto da Silva”, *República Social*, Lisboa, nº 38, 15 de novembro de 1919.

¹⁰ Ernesto da Silva, *Proletarios e burguezes*, Lisboa, Instituto Geral das Artes Graphicas, 1893, p. 13.

¹¹ Sobre a história da imprensa operária vid. os textos clássicos de César Oliveira, “Imprensa operária no Portugal oitocentista: de 1825 a 1905”, *Separata da Revista Análise Social*, 39 (1973), e *Antologia da imprensa operária portuguesa: 1837-1936*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1984; Maria Filomena Mónica e Luís Salgado de Matos, “Inventário da imprensa operária portuguesa (1834-1934)”, *Análise Social*, nn. 67-69 (1981), p. 1013-1078; e Vítor de Sá, *Roteiro da imprensa operária e sindical 1836-1986*, Lisboa, Editorial Caminho, 1991.

¹² José Barreto, “Os tipógrafos e o despontar da contratação colectiva em Portugal (I) e (II), *Análise Social*, vol. XVII (66) (1981-2.º), p. 253-291, e vol. XVIII (70) (1982-1.º), p. 183-212, respetivamente.

na análise sócio-política da época através dos artigos publicados nos jornais, os quais abrem um caminho inédito ao exame das obras da intelectualidade operária evidenciando que, se não foram publicadas de forma avulsa, se encontram dispersas na imprensa ligada ao movimento socialista. Esta análise permite esclarecer parte da história do Partido Socialista Português, a qual às vezes parece caminhar à margem da política partidária dos anos finais da Monarquia, reconstruindo as tensões intestinas fundamentadas na interpretação doutrinária, a estratégia política a seguir que os socialistas discutiram enquanto agremiação partidária, o debate organizativo interno, ou a tomada de posição do movimento perante questões concretas.

Ernesto da Silva colunista, redator e diretor

Ao que conseguimos apurar, Ernesto da Silva, também autor de uma vasta produção literária que vai mais além das peças teatrais antes citadas, começou as suas colaborações, segundo um outro vulto destacado do socialismo português, Sotto Maior Judice, em 1891 em *A Batalha* (Lisboa, 1891-1895) – possivelmente o jornal do republicano Feio Terenas (1850-1920) –, e em *Eco Socialista. Órgão do Partido Socialista do Norte* (Porto, 1892-1894; 1899, 1900-1901), editado pelo Centro Operário de Propaganda Socialista e onde, já militante, terá publicado uma análise crítica do Congresso Nacional das Associações de Classe, que se celebrou no Porto em 1892¹³. Mas, embora vinculado à agremiação de Manuel Luiz de Figueiredo, abandonou-a logo nos fins desse ano ou nos inícios de 1893 por desacordo com a orientação seguida pela corporação, passando a integrar as fileiras do PSP. É no *Revolucionário* (Lisboa, 1893-1896, 1902), jornal vinculado a este partido, que identificamos pelo menos três artigos seus publicados entre março e maio deste ano, dois deles assinados sob o pseudónimo de Babeuf.

Nos fins de 1893 começa a colaborar em *A Federação* (Lisboa, 1893-1900), o novo jornal da Federação das Associações de Classe, agremiação sindical vinculada ao PSP, inicialmente com a publicação de contos na secção dedicada ao “Folhetim”¹⁴, e a partir de fevereiro seguinte, altura em que talvez passasse

¹³ “Hontem e Hoje. 1º de Maio”, *Vanguarda*, Lisboa, nº 1751, 1 de maio de 1896.

¹⁴ No número-programa, de 17 de dezembro, deu à luz o primeiro relato socialista de que até à data temos notícia, “Um reprob”, onde denuncia a pobreza infantil. Ruy, “Folhetim do jornal A Federação. Um reprob”, *A Federação*, Lisboa, numero programma, 17 de dezembro de 1893, p. 2-3.

a integrar o corpo dos redatores, com artigos ou colunas de opinião de forma periódica¹⁵. No seu primeiro artigo, intitulado “Dessorando!”, de 18 de fevereiro de 1894, escrito uns dias depois do encerramento pelo governo de Hintze Ribeiro das associações comerciais de Lisboa, denunciava a desídia política dos assuntos públicos, enquanto que no último, “O município livre”, de 15 de março de 1896, defendeu o modelo político-administrativo que vigorou ao tempo da Comuna de Paris, nas vésperas da sua comemoração pelos operários.

Segundo informação de Sotto Maior Júdice, em simultâneo ao seu labor de redator em *A Federação*, aceitou colaborar com duas novas publicações: a *Revista Social* (Porto, 1894), que era editada pela Fundação Antero de Quental, até 1896¹⁶; e *O Operário de Coimbra* (Coimbra, 1895), um semanário surgido na cidade do Mondego pela iniciativa de José Maria Santos Nazareth depois do desaparecimento de *A Oficina* (Coimbra, 1883-1891), o órgão do Centro Socialista de Coimbra¹⁷, que considerava o seu jornal “talvez, entre os poucos existentes, o mais intransigente órgão de defesa dos direitos e interesses da maior camada social – o povo oprimido”. Com esse propósito resolveu levar como correspondentes “um punhado de companheiros fieis no campo da grande batalha pela vida”, entre os quais Ernesto da Silva, “defensor strenuo do proletariado universal, (...) glorioso propagandista do socialismo em Portugal”, a quem deu lugar de realce¹⁸. O seu labor nesta publicação prende-se com um total de cinco artigos, bem como um excerto de *A injustiça económica*, de Benoit Malon, obra que havia pouco traduzira e publicara¹⁹. O primeiro deles intitula-se “Carta de Lisboa” e está assinado sob o pseudónimo de Babeuf. A ele seguem-se mais quatro sob a chancela “A Questão Social”, já assinados com o nome do autor, E. Silva ou Ernesto Silva, que esboçam uma história do socialismo em Portugal²⁰. O jornal teve uma vida efémera, mantendo-se em ativo apenas durante os meses de setembro e outubro de 1895.

¹⁵ Beatriz Peralta García, “A imprensa lisboeta...”, cit.

¹⁶ “Hontem e Hoje. 1º de Maio”, *Vanguarda*, Lisboa, nº 1751, 1 de maio de 1896.

¹⁷ Vitor de Sá, *Roteiro da imprensa operária...*, cit., p. 70; Maria Filomena Mónica e Luís Salgado de Matos, “Inventário da imprensa operária portuguesa (1834-1934)”..., cit., p. 1055; César Oliveira, “Imprensa operária no Portugal oitocentista: de 1825 a 1905”..., cit., p. 24.

¹⁸ O Fundador, “Pouca cousa”, *O Operário de Coimbra. Semanario de propaganda e defensor dos interesses collectivos e individuaes*, Coimbra, nº 1, 1º mez, 7 de setembro de 1895, p. 1.

¹⁹ Benoit Malon, *A injustiça económica*, Lisboa, Typographia do Commercio, 1895, tradução de Ernesto da Silva.

²⁰ Vid. E. Silva, “A Questão social. I”, *O Operário de Coimbra...*, cit., nº 1, 1º mez, 7 de setembro de 1895, p. 1 e 4; “A Questão social. II”, nº 2, 1º mez, 14 de setembro de 1895, p. 1;

Enquanto o jornalismo operário coimbrão definhava, entre os dias 14 a 16 de outubro os socialistas marxistas celebravam em Tomar o congresso da sua constituição oficial, chamado IIª Conferência Nacional Socialista, onde aprovariam o seu programa, mas não ficariam alheios às tensões internas, de novo a causa da orientação política que a nova agremiação devia seguir. Os meses que medeiam este acontecimento e o verão de 1896 são fulcrais para o conhecimento da evolução do socialismo português nos anos posteriores porque refletem bem os conflitos vividos no seio da organização, que vieram a ser corporizados nos jornais a ela vinculados. Assim, a 21 de outubro, uns dias depois do congresso tomarense, onde Ernesto da Silva fora eleito membro do seu Conselho Central, o próprio exprimira o desejo de abandonar quer a redação do jornal *A Federação*, quer a comissão de propaganda que integrava, invocando o seu “precário estado de saúde, e outros poderosos motivos” que, no entanto, a ata não esclarece. A informação contida na ata da reunião da Federação das Associações de Classe apenas refere problemas económicos relativos a uma dívida resultante de um desvio de 2000 réis por trabalhos da “antiga junta” que Ernesto da Silva, porém, aceita pagar, sem nenhuma outra referência que evidencie qualquer conflito²¹. Os trabalhadores federados rejeitaram o seu requerimento, decisão que aceitou, continuando deste modo no seu lugar de redator. Pouco depois encenava, a 8 de novembro de 1895 no Teatro do Príncipe Real, em Lisboa, o seu drama *O capital*, que lhe valeu o aplauso e o reconhecimento do público operário e republicano. No fim da representação o autor apareceu no palco, a pedido do público, abraçado a Azedo Gneco – a quem foi dedicada à peça²² –, circunstância que os espectadores, profundamente impressionados, saudaram com uma forte ovação²³.

Os acontecimentos descritos ocultam, porém, alguma agitação no seio da direção do PSP. Em um dos últimos artigos publicados em *A Federação*, “A propaganda”, de inícios de março de 1896, Ernesto da Silva assinou sob o

“A Questão social. III”, nº 3, 1º mez, 21 de setembro de 1895, p. 1; “A Questão social. IV”, nº 1, 2.º mez, 5 de outubro de 1895, p. 1.

²¹ ANTT. *Partido Socialista Português NC 1-6 Caixa 1. Actas da Federação das Associações de Classe “L. 2”* (1895). Acta da sessão da Federação das Associações de Classe em 21 de outubro de 1895, p. 147. Um resumo desta sessão foi publicado no jornal *A Federação*, mas não recolhe esta informação. Vid. “Confederação nacional de Lisboa. Federação das Associações de Classe. Sessão de 21 de outubro”, *A Federação*, Lisboa, nº 95, 27 de outubro de 1895, p. 3.

²² Ernesto da Silva, *O Capital. Drama em 4 actos, original de Ernesto da Silva. Representado pela primeira vez no Theatro do Principe Real, de Lisboa, na noite de 8 de novembro de 1895*, Lisboa, Typ. do Instituto G. das Artes Graphicas, 1896. Vid. elenco das personagens e didascália com indicações relativas ao espaço em que se desenvolvem os atos.

²³ “O Capital. (A recita do auctor)”, *A Federação*, Lisboa, nº 101, 8 de dezembro de 1895, p. 2.

pseudónimo de Babeuf uma análise sobre a orientação doutrinária que estava a ser dada ao Partido. Nela defendia não existir no socialismo português uma única escola económica: “não é *marxista*, *collectivista* ou *comunista*”, escrevia, ao passo que propunha encarar a “questão social” afastando-a de “qualquer especulação phylosophico-economica” para evitar prejudicar a unidade partidária²⁴. Pouco depois, a 23 de março de 1896, remetia à Federação o ofício em que comunicava a saída definitiva do jornal, evidenciando o conflito que já grassava as relações entre ele e Azedo Gneco, seriamente deterioradas pelo desacordo quanto ao rumo político que o PSP devia seguir. Porém, a discórdia que melhor mostrou o afastamento de ambos teve a ver com a ideia da comemoração do 1.º de Maio. Como secretário da comissão executiva da associação União Operária I.º de Maio Ernesto da Silva convocou a reunião, marcada para 14 de abril, destinada a organizar a comemoração da efeméride. Depois de ter sido encarregado de redigir durante três anos consecutivos, de 1893 a 1895, o seu Manifesto, foi exonerado do mandato em 1896. Dias depois, a 19, aceitava colaborar no republicano *A Vanguarda* (Lisboa, 1891-1911), na altura dirigido por Faustino da Fonseca. O jornal informou pontualmente do facto, certo de que os leitores acolheriam com a maior alegria “a noticia de tão boa aquisição”²⁵. Aqui foi-lhe pedido publicar um artigo por semana, sendo o primeiro deles “Os três 8”, de 20 de abril, em defesa do dia laboral de oito horas, o chamado “dia normal”. A relação com o jornal, contudo, durou pouco, finalizando a 29 de junho desse ano, quando publica “O que há a fazer”, onde se faz eco da nova crise política do governo.

A rutura de Ernesto da Silva com *A Vanguarda* produziu-se após o confronto do jornal com os seus correligionários socialistas e na sequência de uma querela entre o jornal e um elemento de *A Federação*, Luis de Judicibus. Na ausência de Azedo Gneco como delegado do socialismo português no Congresso Internacional Socialista de Londres, Luis de Judicibus assumiu a redação do editorial do jornal. A 28 de junho publicou – sem assinatura – um artigo chamando à unidade dos operários sob a chefia do PSP ao grito de “Unamos”. Denunciava aí as ânsias de poder “dos grupos em que a burguezia está dividida” e, sem nomear os republicanos, acusava “a imprensa” de não saber reagir aos “esbirros da policia”. Alertava as associações operárias para o facto de estarem, segundo ele, “envolvidas n’uma nuvem de intriga, que treslouca e enfraquece”, e acabava afirmando que “há só um partido que tem futuro e

²⁴ Babeuf, “A propaganda”, *idem*, nº 114, 8 de março de 1896, p. 1-2. Itálicos no original.

²⁵ “Ernesto da Silva”, *A Vanguarda*, Lisboa, nº 1739, 19 de abril de 1896, p. 2.

condições de vida, se não fôr contaminado pelo veneno que mata as facções das classes preponderantes”. Esse Partido era, é claro, o Socialista²⁶.

Apesar das boas relações de uma parte do socialismo português com o movimento republicano, e deste com aquele²⁷, alguns dos seus membros não deixaram de alertar para o perigoso de tais vínculos. Um deles era precisamente Luis de Judicibus, que desde junho de 1895 e até aos inícios de 1896 publicara uma série de artigos nos quais, sob o título de “Traição possibilista”, relatava as conexões do Partido dos Operários Socialistas – os chamados “franciscanos” –, dirigido por Manuel Luiz de Figueiredo junto a Agostinho José da Silva, com outros elementos do Partido Republicano e membros do governo regenerador de João Crisóstomo (1891-1892), ao qual também pertencera Lopo Vaz como Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino. Perante o editorial de *A Federação*, que *A Vanguarda* não duvidou em lhe atribuir, o jornal reagiu violentamente. A resposta foi duríssima, devolvendo aos socialistas as incriminações de cumplicidade com os partidos monárquicos. No seu editorial de terça-feira 1 de julho de 1896, escreveu: “Uma torpeza vomitada no domingo pela *Federação*, que se intitula *orgão das associações federadas e do povo operario em geral*, fez-nos decidir a vir á estacada, excepcionalmente, não porque liguemos maior importancia a esse papel do que a outros do mesmo jaez, que de longe em longe mostram os dentes esfomeados e mal limpos, mas porque a alta espionagem da politica monarchica encastellou-se novamente nos arraiaes socialistas, e se os homens de bem d’esse partido não a correrem rapida e energicamente, hão de acabar por inutilisal-o e perdel-o”²⁸. No dia seguinte, novo artigo teimava nas acusações, mas esclarecia que elas não eram dirigidas ao jornal operário, mas contra uma pessoa em particular: “Nós não atacámos o partido socialista, que nada tem de commum com a canalhice do scriba assalariado ou do inepto illudido para a praticar”²⁹. No meio da polémica, tomado do fogo cruzado entre jornais e organizações políticas, Ernesto da Silva achou-se numa posição difícil. Da irrupção da querela, logo fez chegar à direção de *A Vanguarda* uma carta “visivelmente apaixonada, dictada por excitação de momento e que, da fôrma como está redigida não podemos publicar”, explicava

²⁶ “Unamo-nos”, *A Federação*, Lisboa, nº 130, 28 de junho de 1896, p. 1.

²⁷ Esta é a tese defendida, por exemplo, por Jorge Pais de Sousa, “Existiu uma fracção socialista no Partido Republicano? Os casos paradigmáticos de Magalhães Lima e Afonso Costa. A difusão do socialismo no Brasil”, *História Revista*, Goiânia, v. 18, 2 (julho-dezembro de 2013), p. 27-71.

²⁸ “Para traz, misseraveis!”, *A Vanguarda*, Lisboa, nº 1812, 1 de julho de 1896, p. 1. Itálicos no original.

²⁹ “Para traz, misseraveis!”, *idem*, nº 1813, 2 de julho de 1896, p. 1.

o jornal. Nela, o seu autor declarava que, perante este ataque ao Partido Socialista, abandonava a colaboração³⁰. O jornal voltou a justificar-se dizendo que a guerra era apenas contra uma secção e contra *A Federação*, não contra o Partido. Ernesto da Silva, desta vez, defendeu *A Vanguarda* e escreveu uma frase que o jornal reproduziu com satisfação, reiterando as suas desculpas: “(...) que *A Vanguarda*, ferida, ao que parece, por injustificado «suelto» publicado no semanário *A Federação*”. E acabava declarando que a prova de que a guerra não obrava contra Ernesto da Silva ou o Partido Socialista era que o articulista colaborava no periódico: “Distingamos! Não estamos a contas com o partido socialista, nem com o sr. Ernesto da Silva, mas apenas com o scribe que nos feriu na *Federação*. Não queiram puxar a questão para outro terreno”³¹. De qualquer maneira, Ernesto da Silva abandonou a colaboração regular com *A Vanguarda*, embora mantivesse as relações com os republicanos e, de facto, continuou a escrever nas páginas dos seus jornais, como veremos a seguir. Na *Vanguarda*, já ultrapassada a polémica, registamos ainda a publicação de novos artigos em momentos pontuais de 1901 e 1902, aquando do tempo em que o jornal fora dirigido por Sebastião de Magalhães Lima, com quem Ernesto da Silva parece guardar alguma relação³².

Apesar de estar fora da redacção do jornal *A Federação*, as relações com ele continuaram, como vemos, e, de facto, ainda há a registar as últimas participações no mês de agosto de 1896, quando o jornal publicou o último dos seus textos dramáticos, “Á sahida do tunnel. (Dialogo n’uma wagon de I^a)”, recordando o regresso de Azedo Gneco a Lisboa do Congresso londrino³³, e em setembro, recomendando a leitura de *A obra internacional*, de Magalhães Lima. Parecera um último esforço por calmar tensões reconhecendo os méritos do antigo mestre, mas a crise acabaria por deflagrar imediatamente depois no decurso da greve dos empregados do gás, um dos mais graves conflitos operários desde o surto grevista dos anos 70, onde Ernesto da Silva teve lugar de relevo.

Em dezembro de 1896 começa a publicar num outro jornal republicano, *O Paiz*, de Alves Correia (1860-1906). Sem outros compromissos jornalísticos, afastado de *A Federação* e de *A Vanguarda*, foi a publicação escolhida para se defender pormenorizadamente, ao longo de seis artigos sob o título “Theatro

³⁰ *Idem*, ibidem, p. 2.

³¹ *Idem*, ibidem.

³² Em 1896 escreveu a crítica de *A obra internacional*, de recente publicação, referindo-se ao autor como “o nosso amigo dr. Magalhães Lima”. Ernesto da Silva, “A Obra Internacional”, *A Federação*, Lisboa, nº 141, 13 de setembro de 1896, p. 1.

³³ Ruy, “Á sahida do tunnel. (Dialogo n’uma wagon de I.^a)”, *A Federação*, Lisboa, nº 138, 23 de agosto de 1896, p. 2.

de D. Maria II. (A moral do teatro)”, da recusa do chamado Teatro Normal à representação de outra das suas peças teatrais, *A vítima*. A colaboração manteve-se entre dezembro de 1896 e maio de 1897, perfazendo um total de oito textos. “Á opinião pública”, de 29 de maio de 1897, foi o último artigo a ser publicado a pedido do autor para mais uma vez se defender das acusações propagadas em *O Século* de afeto ao anarquismo e das críticas a propósito dos dramas da sua autoria, os quais “em nada têm deshonrado o movimento proletário; muito ao contrario, — escrevia — têm merecido a consideração e applauso dos espiritos independentes de invejosas preocupações”³⁴. O jornal, embora estranho às “dissenções que lamentamos” dentro do Partido Socialista, aceitou dar ao prelo o texto, porque era política do jornal permitir a defesa de quem assim o requeria³⁵.

Com efeito, em plena crise governamental, recém caído o governo de Hintze Ribeiro e João Franco, *O Século* fazia eco do boato que desde os meados do mês de fevereiro de 1897 circulava entre os operários. Segundo era comentado, no decurso de uma conferência pronunciada por Ernesto da Silva na Associação de Classe dos Marítimos Conductores de Sal no Rio Sado, em Setúbal, o orador ter-se-ia mostrado a favor da eliminação desta associação, para além de “mais d’uma vez se ter declarado *anarquista*”³⁶. Tendo conhecimento de tais factos, Azedo Gneco reagiu acusando-o de ser um “elemento dissolvente”, ou seja, de simpatias libertárias³⁷, instigando Ernesto da Silva a provar o infundado de tais acusações. Depois de uma tensa reunião na Liga das Artes Gráficas de Lisboa a 9 de maio de 1897, na qual ambos mostraram o seu afastamento doutrinário e pessoal, Ernesto da Silva abandonou definitivamente a vida partidária, demitindo-se dos seus cargos no PSP e declarando solenemente que “Sou socialista puro, respeitando em absoluto o programma partidário”³⁸, isto é, o aprovado em Tomar em 1895. Uns dias depois aceitava o convite de *A Obra* (Lisboa, 1891-1906), o órgão de expressão dos carpinteiros civis, para fazer parte da redação desse jornal. *A Federação* desaprovou a nomeação, renovando as denúncias de conivência com os anarquistas, desta vez amparado na inserção de um texto de Kropotkine, intitulado “As prisões”, na secção do

³⁴ Ernesto da Silva, “Á opinião publica”, *O Paiz*, Lisboa, nº 570, 29 de maio de 1897, p. 2.

³⁵ *Idem*, *ibidem*.

³⁶ “Setubal”, *A Federação*, Lisboa, nº 165, 28 de fevereiro de 1897, p. 1. Itálicos no original.

³⁷ “Setubal”, *idem*, nº 166, 7 de março de 1897, p. 1.

³⁸ “Movimento associativo. Centro socialista de Lisboa”, *Vanguarda*, Lisboa, nº 202 (2147), 4 de junho de 1897, p. 2; “Ernesto da Silva”, *O Paiz*, Lisboa, nº 577, 5 de junho de 1897, p. 3; “Centro Socialista de Lisboa”, *A Federação*, Lisboa, nº 179, 6 de junho de 1897, p. 3.

“Folhetim” no número de 16 de maio de 1897³⁹. *A Obra* teve de explicar que Ernesto da Silva só aceitou a direção sob licença do Congresso das Associações Federadas, a quem comunicou a proposta recebida⁴⁰. Em consequência, e após declaração de apoio a Ernesto da Silva em resposta a algumas moções votadas em vários grupos socialistas, “todas tendentes a ferir o sr. Ernesto da Silva”, Franciso Christo e Cândido Leal demitiram-se do corpo dos redatores do jornal *A Federação*⁴¹. Porém, apenas um mês depois, era o próprio Ernesto da Silva que abandonava o lugar de diretor de *A Obra*. Entre as razões que invocou aludiu às críticas sofridas pelas suas afirmações a propósito da comemoração do 1.º de Maio, que considerava uma festa cada vez mais esvaziada de conteúdo, e ao seu precário estado de saúde⁴². Só voltará nos inícios de novembro de 1897, mantendo-se até 9 de abril de 1898⁴³. A partir dessa altura, e ainda que fora da redação, continuará a colaborar no jornal até à morte. Desta longa etapa chegamos a inventariar cinquenta artigos para além dos contos, peças de teatro e a tradução de um texto literário, que também viram a luz nas páginas de *A Obra*. O contributo de Ernesto da Silva destaca-se por uma maior atenção a dois elementos: o doutrinário, acolhendo os pensadores anarquistas, como antes indicado, aprofundando por isso a ideia das suas simpatias libertárias, e o literário, multiplicando a publicação de textos líricos, contos e traduções – alguns da sua autoria –, embora mantendo a fidelidade ao socialismo da linha editorial do periódico.

A imprensa republicana, pela sua parte, vivia também na altura uma pequena crise. *O Paiz* desapareceu a 24 de julho de 1898, sendo substituído pela *A Lanterna* (Lisboa, 1898-1899), sob a chefia de João Chagas (1863-1925) e este pela *A Pátria* (Lisboa, 1899-1900) com a direção de José Benevides, (1866-1940), o qual regista oito novos artigos de Ernesto da Silva, desde maio até agosto de 1900. Na altura o jornal era dirigido por França Borges e nele escreviam também Heliodoro Salgado e os literatos Francisco Mayer Garção (1872-1930) e Joaquim Nunes Claro (1878-1949) – representantes da corrente literária do “Neo-Romantismo vitalista” –, todos fazendo parte do círculo íntimo

³⁹ “Diffamação do 1.º de maio”, *A Federação*, Lisboa, nº 176, 16 de maio de 1897, p. 1.

⁴⁰ “Ao povo operário”, *A Obra*, Lisboa, nº 123, 23 de maio de 1897, p. 1, e *idem*, nº 126, 13 de junho de 1897.

⁴¹ “Partido Socialista”, *A Vanguarda*, Lisboa, nº 196 (2141), 29 de maio de 1897, p. 2.

⁴² “Ernesto da Silva”, *A Obra*, Lisboa, nº 125, 6 de junho de 1897, p. 1. A direção recaiu em Teodoro Ribeiro, administrador do jornal *A Marselhesa*. Vid. também *O Echo Metallurgico*, Lisboa, nº 76, 13 de junho de 1897, p. 3.

⁴³ “Ernesto da Silva”, *A Obra*, Lisboa, nº 147, 7 de novembro de 1897, p. 1, e “Ao publico”, *idem*, nº 169, 10 de abril de 1898, p. 1.

das suas amizades. O seu primeiro artigo, “O tenente Picão”, onde Ernesto da Silva denuncia o assassinio por fuzilamento de três pescadores em greve em Sesimbra, está assinado sob o pseudónimo de Babeuf, enquanto os outros sete se encontram sob o seu nome completo, Ernesto da Silva. A fundação de *O Mundo* (Lisboa, 1900-1936) a 16 de setembro de 1900 pelo amigo e antigo diretor de *A Pátria*, França Borges, provoca, sem dúvida, a sua transferência para o novo jornal republicano. Ernesto da Silva aparece na lista dos colaboradores logo desde o número 4, de 19 de setembro de 1900, sendo o primeiro artigo datado a 28 desse mês, oportunamente anunciado no dia anterior, no fim da primeira página⁴⁴. Como afirmação ideológica face à tendência republicana da publicação o artigo de Ernesto da Silva intitula-se “Princípios Socialistas” e foi publicado sob o nome do autor⁴⁵. A colaboração manteve-se até à sua morte, perfazendo trinta e três artigos. Prova do seu prestígio apareceram na primeira página e desde a primeira coluna. A partir de junho e até outubro de 1901 integraram-se numa secção própria intitulada “A traço negro... (Typos e Factos)”, inserida quer na primeira página, bem como na segunda.

Foi nesta altura que surgiram na imprensa duas novas publicações: *Revista política. Publicação mensal de propaganda e de critica*, e *Seculo XX. Semanario socialista*. A primeira foi uma iniciativa do movimento republicano, pensada como um foro de debate com o intuito de expor e discutir factos e princípios nacionais e universais que pudessem interessar o público “austero” e “inteligente” de Portugal. Os seus promotores observaram a inexistência de revistas de carácter político no país, elemento ao qual, segundo eles, era subordinado tudo. Daí a discussão de questões de todo o tipo: financeiras, económicas, de morigeração dos costumes, de cultura política, agricultura, comércio, indústria, literatura e arte⁴⁶. Entre os colaboradores encontravam-se vultos destacados do republicanismo português como Afonso Costa, Alexandre Braga, Alves da Veiga, Basilio Teles, Bernardino Machado, Brito Camacho, Emídio Garcia, Guerra Junqueiro, João Chagas, João de Menezes, José Caldas, José Pereira de Sampaio (Sampaio Bruno), Júlio de Mattos, Luiz Botelho, Manuel Coelho, Ricardo Malheiro, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Teófilo Braga, para além do socialista Nobre França⁴⁷. Ernesto da Silva publicou aqui

⁴⁴ “O mundo. Jornal republicano! Colaboradores”, *O Mundo*, Lisboa, nº 4, 19 de setembro de 1900, p. 1; e nº 12, 27 de setembro de 1900, p. 1.

⁴⁵ Ernesto da Silva, “Princípios socialistas”, *O Mundo*, Lisboa, nº 13, 28 de setembro de 1900, p. 1.

⁴⁶ “A Redacção”, *Revista Política. Publicação mensal de propaganda e de critica*, Lisboa, nº 1, 15 de junho de 1901, p. 3-5.

⁴⁷ *Idem*, p. 2.

uma análise crítica da obra recente de Zola *Travail*, posteriormente reproduzida em *A Obra* e em *O Mundo*⁴⁸.

Seculo XX. Semanario socialista foi promovido por um “grupo de socialistas” que se comprometia a publicá-lo sob subscrição. O corpo gerente era composto por José António de Carvalho Bastos como editor, Mariano Soares na secretaria da administração e Luís da Mata, um dos promotores do Teatro Livre, como redator. Detetamos aqui dois artigos de Ernesto da Silva, ambos publicados a 15 de dezembro de 1901: “Chronica Negra”, sobre a repressão policial contra os operários em greve, e “Angelina Vidal”, a propósito do subsídio aprovado em *A Voz do Operário* em auxílio desta intelectual feminista e republicana, do qual Ernesto da Silva foi promotor. A 2 de março de 1902 o semanário informa sobre as dificuldades para manter a edição do periódico, motivo por que convocava os assinantes a uma reunião na rua da Bempostinha, nº 92, às 8 da noite, rogando pontualidade. O facto de ele não mais se publicar indica que a reunião fracassou no seu intuito. Infelizmente, deixou por completar uma das peças teatrais de Ernesto da Silva, *Vencidos*, que estava a ser publicada na secção dedicada ao folhetim⁴⁹. Entretanto, ele continuara a colaborar simultaneamente em *A Obra* e em *O Mundo* até à data da morte, a 25 de abril de 1903. Uns dias antes, a 18 de abril, publicara aqui o último dos seus artigos. Intitula-se “Pena de morte!” e é um alegato contra a pena capital.

Os artigos de opinião de Ernesto da Silva: colunismo político, social e literário

Os textos publicados por Ernesto da Silva na imprensa periódica socialista e republicana rotulam-se sob a rubrica de “artigos de opinião”, acompanhando a evolução da imprensa portuguesa dos fins do século XIX segundo um modelo veiculado pelo jornalismo norte-americano, na passagem dos diretores proprietários para o grupo editorial. Mas ao contrário de outro tipo de publicações periódicas, no jornalismo operário predomina a opinião em oposição à informação, porque este tipo de imprensa surgiu como um instrumento de denúncia social e de difusão doutrinária. Daí a oportunidade destes escritos, essencialmente subjetivos, ligados à personalidade do autor, não buscando

⁴⁸ No caso de *O Mundo*, só alguns parágrafos. Vid. *Revista Política*, Lisboa, nº 1, 15 de junho de 1901, p. 52-56; *A Obra*, Lisboa, nº 336, 14 de julho de 1901, p. 2, e nº 338, 28 de julho de 1901, p. 3; *O Mundo*, Lisboa, nº 277, 22 de junho de 1901, p. 2.

⁴⁹ “Seculo XX”, *Seculo XX*, Lisboa, nº 20, 2 de março de 1902, p. 1.

informar, mas oferecer um ponto de vista próprio do tema abordado em relação à informação meramente objetiva. Assim é apontado por Ernesto da Silva num texto publicado em 1897 em *A Obra*, quando explica que “É possível encontrar nos artigos de *A Obra* qualquer diferenciação. Pertence a responsabilidade aos signatários, visto que *A Obra* mantém liberdade de orientação a quem escreve – dentro dos princípios socialistas”⁵⁰. Ele iniciara-se no periodismo no *Eco Socialista* como comentador do Congresso das Associações de 1892 – ou em 1891, a acreditar nas informações de Sotto Maior Júdice⁵¹ –, mas evoluiu rapidamente para o “artigo” ou a “coluna” de opinião, onde as questões de caráter político se converteram em objeto preferente da sua crítica e continuarão a sê-lo ao longo dos anos, exceção feita aos meses de junho a setembro de 1901, nos quais predominou, claramente, a análise social, como adiante veremos. A denominação de “coluna” pode parecer algo anacrónica para descrever estes textos, pois esta designação apenas se generalizou após a década de 20 do século xx. De igual modo acontece com a denominação dada aos autores, os quais passaram de “articulistas” a “colunistas”, especialmente a partir dos anos 50⁵². Contudo, é essa a atividade que Ernesto da Silva desenvolveu nos jornais em que colaborou, especialmente quando foi convidado pela *A Obra* e os republicanos *A Vanguarda* e *O Mundo* para neles escrever com regularidade periódica. De resto, ele próprio denomina, em 1901, os seus artigos “colunas”⁵³.

Dada a extensão desta obra que abrange cento e sessenta e um artigos de conteúdo político, social e literário publicados desde 1893, consideramos Ernesto da Silva um dos pioneiros do jornalismo de opinião em Portugal. No seu percurso podemos assinalar duas fases muito claras dominadas pela tendência ideológica dos jornais. A primeira decorre de 1892 até 1897, data do abandono do PSP – curiosamente, período coincidente com o primeiro governo regenerador de Hintze Ribeiro –, quando predomina a colaboração nos jornais partidários: *Revolucionário* (1892-1893), *A Federação* (1893-1896), *O Operário de Coimbra* (1895) e *A Obra* (1897-1903). A segunda fase abrange os anos 1897 a 1903, nos quais, sem abandonar a colaboração na imprensa partidária, prevalece claramente a republicana: *O Paiz* (1896-1897), *A Vanguarda* (1897), *A Pátria* (1900), *O Mundo* (1900-1903), *Revista Política* (1901) e *Vanguarda* (1901-1902), pertencendo *Século XX* (1901) à socialista. Nestas etapas incluímos

⁵⁰ E. da Silva, “Em resposta”, *A Obra*, Lisboa, nº 145, 24 de outubro de 1897, p. 3.

⁵¹ Cfr. nota 3, supra.

⁵² Pedro de Miguel, *Articulismo español contemporáneo. Una antología*, Madrid, Marenostrum, 2004, p. 9 e ss.

⁵³ Foi no jornal *Vanguarda* no artigo assinado Ernesto da Silva, “Instrução”, *Vanguarda*, Lisboa, nº 1704 (3651), 3 de agosto de 1901, p. 1.

ainda aqueles artigos que apareceram nos jornais comemorativos. Em *A Comuna* (1896) e *Pró-Justiça. Homenagem promovida pelos operários do livro em Portugal* (1899) encontramos dois textos: “A Revolução e a Ordem” e “Accuso”, respetivamente, mas sabemos de colaborações que, infelizmente, não pudemos compulsar, ou porque o estado de conservação do jornal impede a sua consulta, como no caso de *Pela Infancia. Á memória de Sarah de Mattos* (1901)⁵⁴, ou por não conseguirmos localizar a publicação. É este o caso dos jornais *Revista Social* (1894)⁵⁵, e o número comemorativo do segundo aniversário do jornal *O Mundo* (1902), o qual acolheu um texto da sua autoria intitulado “O ultimo reduto”⁵⁶, bem como o folheto “O comunismo na revolução social”⁵⁷. Já sob o ponto de vista do conteúdo os textos abrangem cinco campos temáticos: a crónica política, a crónica social e a crónica literária, os principais assuntos de interesse do autor; a necrológica, nos textos com motivo do falecimento dos amigos Lemos de Castro em 1898 e Teixeira Bastos em 1901, e os dos mestres intelectuais Benoît Malon (no seu quinto aniversário em 1898) e de Zola em 1902, que levaram à evocação das suas vidas e obras; e o episódio quotidiano, acontecimentos do diário, inesperados ou até surpreendentes para o autor, que deram o mote para três textos publicados em 1895 e 1901.

No conjunto dos artigos publicados entre 1893 e 1897 cultivou maioritariamente a crónica política, abordando aspetos diversos da política portuguesa contemporânea e da de países como Inglaterra, França ou Espanha. Neles, defendeu a proclamação da República e abordou a análise do movimento operário português no último quartel do século XIX, esta última questão desenvolvida maioritariamente em duas séries: “A Questão Social I, II, III, IV” e “O movimento operário I, II, III, IV, V”. A primeira foi publicada em *O Operário de Coimbra* em 1895, onde estuda as origens do movimento operário em Portugal sob a perspetiva do problema levantado relativamente à chamada “questão social”, ou seja, o desenvolvimento do capitalismo e as suas nefastas consequências sociais. Ao tema voltará alguns anos mais tarde, entre 1898 e 1899, num novo ciclo de artigos intitulados “O movimento operário”. Nesta ocasião, abordou o assunto sob o ponto de vista organizativo, salientando o mundo do associacionismo, a organização partidária dos socialistas e as suas lutas intestinas – das quais foi

⁵⁴ Exemplar conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.

⁵⁵ “Hontem e Hoje. 1º de Maio”, *Vanguarda*, Lisboa, nº 1751, 1º de maio de 1896, p. 1, segundo informação de Sotto Maior Júdice. A Biblioteca Nacional de Portugal apenas conserva o nº 1 da publicação, que não contém artigos de Ernesto da Silva, embora Sotto Maior Júdice afirme a sua existência até 1896.

⁵⁶ “A festa d’O Mundo”, *O Mundo*, Lisboa, nº 720, 17 de setembro de 1902, p. 1.

⁵⁷ “Ernesto da Silva”, *idem*, nº 937, 26 de abril de 1903, p. 1.

alvo privilegiado –; a defesa, pessoalíssima, do modelo de comemoração que devia presidir a efeméride do 1.º de Maio – aqui em aberto confronto com Azedo Gneco – e as relações com o movimento republicano. Quando escreveu o último dos artigos, já Ernesto da Silva tinha abandonado a organização socialista, embora continuasse a colaborar com as associações de classe e os centros socialistas sempre que assim era requerido, bem como nos jornais de classe ligados ao movimento. Subjaz a estes textos um desencanto partidário perante a deriva do PSP, mas também um azedume pessoal em relação a Azedo Gneco e os desgostos sofridos pelos contínuos ataques pelas suas supostas simpatias anarquistas que nunca foram cabalmente demonstradas, mas que atingiram o seu prestígio entre os operários e os mais diretos colaboradores do chefe socialista.

Na etapa que decorre de 1897 a 1903 a crónica política partilha protagonismo com os temas sociais e a crónica literária, coincidindo com o período da sua vida em que mais se debruçou sobre a escrita de peças de teatro⁵⁸. A análise de obras de literatura atinge maior interesse à luz do conjunto dos artigos que publicou em 1897, nos quais se defendeu da rejeição da encenação do drama *A vítima* no Teatro de D. Maria II, mas será a partir dos fins de 1900 que de forma mais evidente se verifica esta mudança nas preferências de Ernesto da Silva. Foi nesta altura que surgiu a sua dimensão de cronista teatral e crítico literário. As visitas aos teatros lisboetas traduziram-se na escrita de comentários às peças aí representadas: *Santo António*, de Brás Martins, *Um inimigo do povo*, de Ibsen, a *Rosa enjeitada*, de D. João da Câmara, e *Blanchette*, de Brieux. Subjaz-lhes uma perceção social do teatro, visando a criação de um “Teatro do Povo” ou reformando o Teatro Normal, questão que acabará por plasmar de forma mais acabada na conferência que proferiu no Ateneu Comercial de Lisboa nos fins de 1902, a convite dos promotores do Teatro Livre. Ao mesmo tempo, a leitura de obras como *Travail*, de Zola, levou à redação de um estudo do romance publicado na *Revista Política*, posteriormente reproduzido em *A Obra* e em *O Mundo*. Outras obras menores foram também objeto da sua atenção como *Os vermelhos. (Notas de dois refractários)*, de Mayer Garção e Fernando Reis; *Os devassos*, de Francisco Ferraz de Macedo; *Oração da fome*, de Joaquim Nunes Claro, todos os autores amigos de Ernesto da Silva; e *Eça de Queiroz. Os panegiristas da sua obra e os censores da sua carcassa*, de Arnaldo da Fonseca.

⁵⁸ Depois de *Os que trabalham* (1897) escreveu *O Despertar. Peça em 1 acto* (1900), *Nova Aurora. A propósito em 1 acto e 4 quadros* (1900), *Vencidos. Drama em 4 actos* (1902) — reescrita de *A Vítima* (1896) —, e *Em ruínas. Peça em 3 actos* (1903).

Paralelamente à crítica e à crónica literárias produziu artigos de tema social. Estes estão presentes em todas as fases da obra jornalística de Ernesto da Silva, mas assumem especial protagonismo desde os meados de junho e até aos fins de setembro de 1901, altura em que passou a escrever uma coluna fixa no jornal *O Mundo* sob a epígrafe “A traço negro... (Typos e factos)”. Nela denunciou a miséria das classes populares, a hipocrisia social, o desamparo das mulheres e das crianças, e defendeu a instrução pública.

Da assinatura sob pseudónimo à assunção autoral

Ernesto da Silva serviu-se de várias denominações para assinar os seus textos. Inicialmente fizera-o com “Babeuf”, que tomou do revolucionário francês François Noël Babeuf (1760-1797), defensor do igualitarismo e da abolição da propriedade privada. Com ela assinou os textos publicados no *Revolucionário* (1893), *O Operário de Coimbra* (1895), *A Federação* (1896), *A Obra* (1897, 1898, 1899, 1900), e *O Mundo* (1901), sempre versando sobre questões políticas.

O seu segundo pseudónimo foi “Ruy”, de carácter literário, com o qual assinou os contos e textos dramáticos que publicou em *A Federação* entre 1893 e 1896. Com teor político utilizou-o em 1895 pela primeira vez neste mesmo jornal, depois em *A Obra* em 1898, e em *Vanguarda* em 1901 e 1902. Porém, a maioria dos textos estão assinados com o seu nome próprio, Ernesto da Silva, que vigorou pela vida fora, embora nos inícios da sua vida pública oscilasse com “Ernesto Silva” (*A Federação*, 1894) e “E. Silva” (*O Operário de Coimbra*, 1895). “E. da Silva”, “E. da S.”, e ainda “E.”, são mais tardias, registam-se em *A Obra* em 1897, *O Mundo* em 1900, e *A Obra* em 1902, respetivamente, como versões simplificadas da forma completa, “Ernesto da Silva”. A assinatura contendo a sua profissão, “tipógrafo”, foi menos habitual, apenas em *A Obra* em 1900 nos comentários escritos a propósito do congresso socialista desse ano, como também “gráfico”, que registamos apenas no número comemorativo dedicado a Zola (*Pró-Justiça. Homenagem promovida pelos operários do livro em Portugal*, 1899).

Conclusões

A atividade jornalística de Ernesto da Silva evidencia um momento de mudança sociocultural e política no dealbar do novo século xx. A sua transição das publicações periódicas socialistas para as republicananas mostra as

“convergências possíveis”, como lhes chamou António Ventura⁵⁹, entre ambos os grupos ideológicos, mas também as tensões internas no seio do movimento socialista em dois aspetos. De um lado, o confronto doutrinário entre as “escolas socialistas” revela posições opostas de estratégia política, perfilhando o debate entorno da colaboração com o movimento republicano, no qual Ernesto da Silva assumiu uma atitude positiva logo desde os inícios da sua militância; de outro, descobre questões vinculadas à liderança, que desde os meados dos anos 90 opunha dois chefes políticos carismáticos: Azedo Gneco, como chefe orgânico do PSP, e Ernesto da Silva, um líder natural que baseava o seu prestígio na influência entre os operários. Demonstra-o o impacto que entre eles tiveram as acusações de simpatias filo-anarquistas, que Azedo Gneco agitou e aproveitou no seu benefício. Da confrontação entre ambos saiu vitorioso Gneco, que conseguiu não apenas o afastamento pessoal de Ernesto da Silva das agremiações socialistas, como a qualificação do opositor como “anarquista” até aos dias de hoje, apesar dos esforços do próprio em sentido contrário. Este confronto permite antever futuras disputas intrapartidárias pelo controlo das organizações políticas na sua evolução aos partidos de massas do século xx, e está na base da fraqueza do movimento socialista até à unificação partidária de 1910.

⁵⁹ António Ventura, *Anarquistas, republicanos e socialistas em Portugal. As convergências possíveis (1892-1910)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2000.

